

Magnífico Reitor da Universidade do Porto,
Senhores membros do Conselho Geral,
Senhores Vice-Reitores e Pró-Reitores,
Demais autoridades académicas,
Senhores Professores, Estudantes e Funcionários,
Senhores convidados,
Senhor Dr. Miguel Veiga,
Senhor Dr. Gaspar Martins Pereira,
Caros Familiares e Amigos,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Razões de saúde impedem-me de fazer um longo e merecido agradecimento a V. Exas. Assim, sobrar-me-á em brevidade o que se me imporia em loquacidade. E por isso, quando pensei em alinhar algumas palavras para esta intervenção, ocorreu-me que valeria a pena insistir, uma vez mais, na necessidade imperiosa de superação do divórcio actualmente existente entre a empresarialização da Universidade e as práticas da Cultura, tal como se vieram interligando nos seus vários domínios desde os tempos da fábula e do mito. Nos próprios e remotos conflitos entre Harmonia e Caos assentavam uma construção e uma dialéctica entre a evolução progressiva do saber, daquele saber em que se escora o progresso e começa a desenhar-se a dignidade humana e que, por sua vez, assenta sobre as letras, as artes, o pensamento, tudo o que modela o espírito e a dignidade da condição humana. Da exaltação da dignidade postulada por Terêncio à célebre fórmula de Picco della Mirandola, do homo sum, humani nihil a me alienum puto, ao de hominis dignitate, tudo encontra aí a sua raiz humana e civilizacional.

O meu Amigo Prof. Aires do Nascimento recorda que a cultura assenta sobre as letras. E passo a citá-lo: “A reflexão que ao longo dos tempos sobre elas foi feita deixou-nos em Cícero um exemplo notabilíssimo: quando foi chamado a defender como cliente aquele que o havia instruído nas letras (o poeta Árcuia, a quem maliciosamente alguns pretendiam negar a cidadania romana), o orador romano superou-se como causídico ao escolher como base de argumentação perante o tribunal nada menos que o elogio de quem

lhe tinha proporcionado o manejo da palavra e o acesso aos textos da cultura". A lição atravessou a cultura ocidental de todos os tempos e tomou-a como paradigmática Petrarca, homem de letras, filho de um notário, e um dos fundadores da Europa a que pertencemos: exemplos como os dele permitem-nos perceber que as letras não são um luxo, mas a base de um humanismo que na palavra, cultivada e honrada, faz de todos construtores de uma vida em comum, sem nada sacrificar em favor da promoção da dignidade humana, pela construção de uma cidadania plena. [...]

Será porventura bem conhecido de muitos esse texto de Cícero, pois figurava nos programas das Faculdades de Letras. Não será desajustado ao acto com que me honrastes para me receberdes no vosso claustro que voltemos a ele, trazendo esse texto à vossa consideração com os ajustamentos de circunstância, já que a acção não é de foro jurídico, mas de celebração das letras.

Se há em mim algum talento (reconheço ser bem limitado), [ó vós que cultivais as letras e sois doutores que prezam a sua dignidade], e se me tenho dado ao exercício da palavra (em que não direi que sou ao menos medianamente versado), ou se algum proveito se tira do estudo das melhores artes, de que em nenhum tempo eu me apartei, de tudo isto, como que de pleno direito devem as letras e o seu estudo reclamá-lo acima de tudo o mais.

Porque alongando eu a minha lembrança, quanto posso, por todo o tempo passado, e recordando memórias desde as primeiras idades até ao presente, vejo que esse estudo das letras me serviu de incentivo para empreender e continuar a carreira de uma vida que busca plena dignidade humana.

E concludo:

Facto é que todas as artes [humanas] que visam a cultura constroem vínculos de coesão e se sustentam entre si por um parentesco qualquer. Etenim omnes artes, quae ad humanitatem pertinent, habent quoddam commune vinculum, et quasi cognatione quadam inter se continentur.

É isto que eu desejo à Universidade Portuguesa em geral e à Universidade do Porto muito em especial. Vai nesse desejo toda a minha gratidão por me terem feito objecto deste ritual, com a

devida vénia ao Magnífico Reitor e aos ilustres membros da Universidade, à mui nobre, sempre invicta, leal e grata amizade pelo meu padrinho, Miguel Veiga, e um abraço muito forte para Gaspar Martins Pereira que fez de mim uma apresentação que convenhamos, é algo exagerada.